

FICHA TÉCNICA 18º BIVAQUE DA POESIA GAÚCHA
22 DE OUTUBRO DE 2022 | AUDITÓRIO MARLISE SAUERESSIG

Sumário

O HOMEM SEM RASTROS Autor: Giba Trindade.....	2
DESTINO DE SANGA CLARA Autor: Jadir Oliveira	6
A BRANCA DE SÃO FRANCISCO Autor: Maximiliano Alves de Moraes.....	9
O SAL REÚNE RODEIO Autor: Henrique Fernandes.....	14
BEBEDOURO DAS ALMAS Autor: Evair Gomes.....	18
EU IA FALAR DE DEUS Autores: Bianca Bergmam e Igor Silveira	21
O CORREDOR E AS JANELAS Autor: Matheus Costa.....	25
RESSURREIÇÃO Autor: Joseti Gomes.....	30
DA ESPERANÇA AOS MALACARA Autor: Rafael Ferreira.....	34
UM TEMPO QUE NÃO É MAIS Autor: Guilherme Collares	38

O HOMEM SEM RASTROS Autor: Giba Trindade

Declamador: Kayke Mello | Amadrinhador: Felipe Leal

Eu lembro que tinha o dom
De por a alma nos dedos,
Pra desafiar os segredos
Que dão vida nova aos tentos.
E já quase pedindo alento
Dois lagos esverdeados,
Ornando um rosto sulcado
Pelas agruras do tempo.

Que se entregava ao ofício
Com religiosa afeição,
E pelo feitio esmerado
Dos sonhos que ele trançava,
Todo mundo acreditava
Que era mais do que paixão.

Pois bastava olhar as botas
Laços, maneias e aperos,
Que saiam dos seus dedos
Pra ver que tinham razão,
O que o Palmendes fazia
Dando nova vida aos tentos,
Só faz quem tem o talento
De encantar as próprias mãos.

- Palmendes, me faz um basto!

Assim terciava sua vida
Ruminando dias largos,

Trançando sonhos pra os outros
Entre sorvidas de amargo.

Talvez por tão calejado,
O Palmendes bem sabia,
Que aquilo que ele sentia
Encantando os próprios dedos
Pra fazer bastos e aperos
Era bem mais que paixão,
Pois... paixão vem e se vai
Judiando o peito da gente,
Mas o amor...
Ah, o amor fica pra sempre
Cravado no coração.

- Palmendes, me faz umas botas!

E os anos trotavam duros
Sem nunca ter nada seu,
Só o dom de trançar sonhos
No ofício que Deus lhe deu.

E uma china companheira
Que lhe alcançava o amargo,
Entre as passadas de tentos
Nos furos do cravador,
Onde amansava os anseios
Da arisca sina de errante,
Pois até em pagos distantes
Andou mostrando seu dom.

Voltou...

E seguiu moldando couros
Fazendo laços e aperos,
Botando encanto nos dedos

Trançando sonhos pra os outros.

Até que um desdito dia
O patrão chamou sua china,
E os lagos esverdeados
Banharam o rosto sulcado
Qual um rio que sai do leito,
E o Palmendes ficou só
Com seu dom de trançar tentos,
E um coração em tormentos
Se debatendo no peito.

- Preciso um apero novo,
por onde anda o Palmendes?

Se foi o taura a “la cria”
Rumo ao breu dos corredores,
Atarantado com as dores
Que importunavam sua mente,
Pois partiu sem deixar rastros
Enforquilhado nas ansias,
Deixando a dor das distâncias
No coração da sua gente.

- Alguém sabe do Palmendes,
preciso um cabresto novo!

Será que o velho Palmendes
Que mesclou a vida nos tentos
Toureando a minguada sorte,
Se cansou de pontear couros,
Cerzindo sonhos pra os outros
E trançou a própria morte?

Quem terá uma resposta
Pra essa dor da distância,
Dos que vivem com a esperança
De um dia vê-lo voltar,
E talvez transbordando paz
Dos verdes lagos tristonhos,
Nos mostrar que nada somos
Sem sonhos para trançar.

Palmendes, me faz um laço!

DESTINO DE SANGA CLARA Autor: Jadir Oliveira

Declamadora: Silvana Andrade | Amadrinhador: Jean Carlo Godoi

Artéria fresca de prata
serpenteando entre os campos,
macegas e caponetes,
segue a correr sem parar...
Não obedece fronteiras,
nem cercas, nem alambrados,
cruzando serras e várzeas
na sina antiga de andar.

No sem fim dessa jornada
vai ofertando a pureza
trazendo fartura aos seus.
Sacia os bichos e a gente,
empresta vida as sementes
que germinam pela terra,
erguendo os galhos à Deus.

Mata a sede do gado,
lava as roupas das chinas,
empresta sombra e alento
ao andejo campeador.
Acolhe sempre o tropeiro
que vem de alma encardida,
estampa gasta e sofrida
da poeira do corredor.

Lembro meus tempos de piá...
Passava horas contigo
olvidado dos perigos,

negaceando um lambari.
Enquanto minha mãe tranquila,
alvejava a lã da esquila,
sempre cantando pra ti.

És irmã das pitangueiras,
guabijus e laranjeiras
e doces jabuticabas.
Que abrigam aves e ninhos,
às cigarras cantadeiras,
abelhas e mamangavas.

Recebe flores e frutas
nesta saudável permuta
de dar um ao outro auxílio.
Garantindo o alimento,
sobrevivência e sustento
a cada um dos seus filhos.

Atravessa o pampa aberto
seguindo o destino incerto
de deslizar pelos campos.
Quando o sol te alcança os raios
teu brilho se avista ao longe
como a imitar o encanto
do bailar dos pirilampos.

Desliza por sobre as pedras,
cria caminhos secretos,
passa por baixo do chão...
Tem sentimentos na alma,
sorri com a chuva calma

e chora com a erosão.

Por vezes transborda o leito
no teu traçado imperfeito,
míngua nos tempos de estio.
Hora grande, hora pequena,
segue tranquila e serena
na busca eterna do rio.

Bendita sanga corrente,
outra igual dentro da gente
desliza feito serpente
e por vezes corcoveia.
Me sobra um verso e mais nada
Ao comparar-te a jornada
com a sanga colorada
que trago dentro das veias.

Teu destino sanga clara
transporta vida e ternura,
segue pra o rio e pra o mar...
Meu destino é igual ao teu
sigo sem rumo em frente,
sem saber se o rio da vida
encontrará o afluente,
o certo, é que igual a ti,
me vou pra não mais voltar.

A BRANCA DE SÃO FRANCISCO Autor: Maximiliano Alves de Moraes

Declamador: Vitor Lopes | Amadrinhador: Everson Maré

Uma revoada de moscas
No tampo de cerne antigo...
Mais um liso que esbarrava
No velho balcão pulpeiro
Num ocaso de domingo.

- Mais dois dedos, bolicheiro!
- Da branca de São Francisco!

E o ganho com doma e tropa
Ao tranco manso dos goles
la pra alma aos pouquitos!

Os pias e a China, no rancho,
Aguardando que a cuscada
Desse o sinal de retorno.
Mas a dalva disparava ,
Não cantavam quero-queros
E o fogão já era morno.

Deste lado, alma doída!
Do outro, alma agitada!

Nunca se bebe por nada,
Há sempre motivação.
Algum desgosto velado
Ou dores de coração!

Depois de tanto relincho

Do zaino de cola atada
Um - licença-buenas noite!
Antecipava a estrada.

Estrada que só o zaino
Sabia aonde pisar.
Par de rédeas desparelho,
Com o equilíbrio no relho,
Sem tino pra governar.

Sorte que todo perigo
É um amigo do borracho,
Depois de altos e baixos
Chegava às casas folheiro.
Os cuscos, por companheiros,
Faziam alarido baixo.

Apenas mais uma noite
De alma enserenada,
Bulida pela malvada
Da branca de São Francisco!

No outro dia, segunda,
De alma bem mais tranquila
Lidava e cuidava os bichos
Sob os cuidados do sol.
Mas era só o arrebol
Pintar o lado poente
Que o zaino novamente
Troteava rumo ao bolicho.

- Molha um liso bolicheiro!
- Trago na garganta um Cisco!
Repetia-se o ocaso.
Ao tranco dos goles rasos
Da branca de São Francisco!

Assim, cruzavam semanas,
As luas, meses e eras.
Cada vez mais dependente
De uma cor rubra de poente
Pra saciar sede de alma
E dar bóia pras quimeras!

O tempo não desencilha
E nem escolhe caminho,
Seu tranco vai nos levando
Ao reponte, tiro, ou sincha.
Quem não tranquear o seu passo
Está fadado ao cansaço,
Verá a vida por frinchas!

O zaino perdia estado,
Pois do ocaso à partida
A sua espera engordava.
No rancho, mais agonia,
Junto a uma cama vazia
Uma tristeza entonava.

Quando o palanque perdia
O abraço do cabresto,
Acendia a brasa ardente
De uma ideia estivada,

Mais uma vez rumo às casas,
Mais uma vez peão da estrada.

De uma estrada sem rumo,
Pra quem não tem rumo certo
Igual ao raio corisco!
Uma estrada com perau,
Pra quem saciou a alma
Com a branca de São Francisco!

A China, cumpriu promessa,
Os pias ficaram criados
E o zaino...
O zaino já virou lonca...
No velho balcão pulpeiro
Só revoada de moscas...

Pois o liso que esbarrava
Não tem mais a mesma doma,
O seu ginete partiu!
Não mais no lombo do zaino,
Não mais no lombo da estrada.
Partiu com a força braba
Que traz um raio corisco.
Corpo e alma já franzinos
De quem entregou destino
Pra branca de São Francisco!

Nunca se bebe por nada
Há sempre motivação
Algum desgosto velado
Ou dores de coração!

Mas as feridas da alma
Precisam de outro unguento,
À base de sentimento
E algum amor na mistura,
Pois quem tem dores no peito
Há de curar doutro jeito
Porque canha nunca cura!

O SAL REÚNE RODEIO Autor: Henrique Fernandes

Declamador: Neiton Perufo | Amadrinhadores: Kayke Mello e Eduardo Abramson

Não procurem nessas linhas,
resquícios de calos nas mãos...
...não procurem rastros de esporas
nesses galpões de concreto,
adornados com candelabros
e quadros contemporâneos
com moldura de moirão.

Não esperem enxergar nestas plagas,
uma pecuária extensiva
onde os limites da querência
conserva a subsistência
da policultura nativa.

Não poderei falar de pealos,
muito menos de tropeadas...
...nem cantarei madrugadas,
pousos em noites geladas
nas rondas em lua cheia

Não... não me leve a mal!
Hoje tudo tem seus meios,
e o sal reúne rodeio
sem trompaço e judiaria.
Essa verdade de agora
confunde o tempo de outrora
das criollas campo a fora
que deram vida as poesias.

Meu tempo não deu espaço,
as castrações e banho de gado...
...meu tempo ficou calado
depois que o disco do arado
foi morto ao plantio direto.

Meu tempo -analfabeto-
do idioma dos campos,
dos rastros dos pirilampos,
no breu clareado por tantos
em falsos pavios de candeeiros.

Também calou o martelo
das comparsas das esquilas,
despeonando as tesouras
pela máquina de tosquia.
Uma que outra com sorte,
seguirá a vida cortando
e passará viver sangrando
sendo faca de sangria.

Quem de nós poderá contar
de uma carga em atropelo...
...vaca mansa em sinuelo
nos corredores da estrada.
Quem contará com certeza
da perícia sabedora
do voo das boleadoras
tombando boi na invernada...

Quem nos trará a ciência
da linguagem natural

na expressão comportamental
de uma vaca que salta noutra...
...do bagual que escarceia,
deixando os “dente” de amostra
com o pescoço espichado
pescando o cio de uma potra.

Quanto vale correr o risco,
-só pela farra talvez-...
...cimbrar um pealo a tirão
pra honrar a tradição
despaletando uma rês...

Conjecturas abreviadas
em façanhas e valentias
de audazes personagens
eternizados em bustos
com galões e honrarias.

Qual verdade defenderemos
pra dar sentido aos hinos,
se os fatos circunstanciais
que escreveram nossa história,
trazem linhas especulatórias
de intenções pessoais.

Até a arte que me acento
pra preservar a cultura
se limita na clausura
dos padrões de um movimento.

Talvez o próprio silêncio

que nossa alma aprisiona,
se torne a voz da cordeona
nos gorjeios galponeiros.
Talvez o gosto do mate
adoce a luz da memória
rememorando a trajetória
dos autênticos campeiros.

Meu tempo enquadra a saudade
dos que, bem antes de mim,
traçaram marcos e rumos
no rastro repisoteado
pelos cascos no capim.

Vazio que até as milongas
se quedam sem argumento,
sufocando um sentimento
tão difícil de explicar.

Enfim... Não me leve a mal...
Mas, somos meros espectadores
de uma realidade campestre
que passou já faz um tempo
pela evolução natural.

Assim lhes digo no mas,
ao que minh'alma confessa:
Tem razão o Ortaça,
..."eu nasci no tempo errado,
ou andei muito depressa".

BEBEDOURO DAS ALMAS Autor: Evair Gomes

Declamador: Evair Gomes | Amadrinhador: Juliano Gomes

No rincão de cada um
Tem um campo vasto de flores
Erva braba, dissabores....
E um arroyito que corre...
Algum campito mais pobre
Seco de pasto e de água
Porteira aberta pras casa
Ou rastro que pronto morre

Aquela água mais turva, sim..
Pisoteada da manada
Mas também tem olhos d'água
Refrescante, cristalina
Cada qual tem sua cacimba
Pra matar a sede com calma
No bebedouro da alma
O livre arbítrio é a sina

Rodeio grande de almas
Matando a sede num charco
Uns com a água no sovaco
Outros bebem pelas beira
Uns tentam afogar tristezas
A onde não dá mais pé
Mas os que bebem pela fé
Tomam água a vida inteira

Cada qual traz junto a si
Um bebedouro pra alma

Donde mata a sede a mágoa
Mas também a alegria
As duas lambem a cria
Pastam soltas mundo a fora
E conseguem as vezes por horas
Encher o açude das vistas

Encerrei num potrerito
Bem longe do bebedouro
A tristeza o mal agouro..
Deixei sem pasto e sem água
Um lote de dor e mágoa
Mas por feio que pareça
As vezes deitam a cerca
Enchendo a alma de chagas

Mas despacito as aparto
Reparo todo o alambrado
Espicho arame farpados
Firmo mais forte o moerão
Fico prestando a atenção
Donde que ela arrebenta
E do que , que se alimenta
Quando e em qual ocasião

Deixo que beba a vontade
Tudo que aos outros aproxima
A bondade a alegria
O amor à caridade
Bebam essa água a vontade
Pois sabem o quanto beber
E vou semeando o viver

De paz e felicidades

Cada qual traz dentro de si
Mangas d'água, chuvaradas
Nascente de olhos d'água
Que enche qualquer cacimba
Procurando a melhor rima
Pra encher o bebedouro
Me sussurravam em couro...o amor...
O amor é a melhor rima

Nem sempre são fortes os ventos
Que façam o moinho arrodar
Pinga poquito, afinal...
Tudo na vida tem fim
É doce o mel de mirim
Mas o fel tem gosto amargo
E pastam lado a lado
Mas diferente é o capim

Nesse mesmo bebedouro
Tão amontoadas as tropilhas
Roçando o couro e virilhas
Vão ficando entreveradas
Mas a tropilha entabladas
Que tem por madrinha a bondade
Não se mesclam, na verdade
Tentam ensinar os mais maula
Que o bebedouro da alma
É só princípio da estrada

EU IA FALAR DE DEUS Autores: Bianca Bergmam e Igor Silveira

Declamador: Wilson Araújo | Amadrinhador: Geraldo Trindade

Eu ia falar de Deus, mas a palavra quebrou...

Caiu de um canto dos lábios, mais veloz que o pensamento

E estilhaçou-se qual vidro,

Pra nunca mais se juntar.

Então eu falei de sonhos...

Então eu falei de esperas...

Então eu falei de ciclos...

E a cada passo que dava,

Buscava um pouco de mim.

Eu ia falar de Deus,

Mas as almas semi mortas,

Que habitam os labirintos

Dos centros das capitais...

Das pontes, aos viadutos.

Das marquises, às prisões;

Estranhos fantasmas vivos,

Caçaram minha fé modesta

E hoje arrastam correntes

Pouco mais perto de mim.

Eu ia falar de Deus,

Mas a esperança não veio.

Dormiu na porta da casa...

Morreu ao raiar do dia,

Pra renascer na garganta

De algum fiel preferido,

Já que eu fiquei esquecido

Às margens do de um mundo vil.

Mas muitos falam de "deus"
Com temblor em grandes templos.
A toda hora e momento,
Falam e falam e cantam.
Cantam e falam, não cansam...
Seguem a sempre pregar
E em meio a cantos e falas,
O demônio pede vasa...
Se pronuncia, extravasa
E nada de "deus" chegar.

Por onde andaré o Deus que eu conheci quando moço?
Aquele que me deu vida!
Aquele do vinho e pão!
Aquele que sempre justo jamais desampara os seus!
Por onde andaré, senhores?
Por onde andaré meu Deus?

Talvez o tempo o tenha feito brando!

Mas diante a tantos crimes?
A distinções e regimes,
Segregação, desamor...
O que será que é preciso
Imolar em oferenda,
Pra que o novo "deus" entenda
Menos ouro e mais amor?!

Será que falam por ele
Todos que dizem falar?

Padres, pastores e santos,
Os pais de santo também?!
Sacerdotizas, ministros,
Será que seus dons contém?
A julgar quem aparece...
Condenar a quem convém!
A quem discorda: - O inferno!
O céu a quem paga bem!

Eu tenho andado num mundo,
Um mundo que desconheço.
Onde a fé conta moedas
Por intenções pessoais.
Onde os milagres pedidos
Nas orações mais sinceras,
Morrem nas filas de espera,
Por leitos nos hospitais.

Eu tenho andado sestroso
De tudo que penso e falo!
Observando os fantasmas
E suas correntes sem fim...
Fugindo dos labirintos,
Dos templos e dos indultos...
Nesses espaços esparços,
Não vejo espaço pra mim.

Não sei se perdi o rumo,
O trilho, a verga ou o norte.
Analisando os caminhos,
Que o mundo desencontrou,

Prossigo andando perdido...
Pensando se o velho Deus,
Também por essas estradas,
Talvez assim feito eu
Tenha perdido seu rumo,
Tenha virado um fantasma
Nos trilhos da própria sina
Que a estranha sorte lhe deu...

Tenho na mão três moedas...
Devolvo ao bolso furado.
Quebro as palavras que nascem,
Pra não vender seu legado.

Choro, descreio, ignoro,
Tento fugir, mas por fim
Mergulho nos labirintos
Desses silêncios tão meus.

Enquanto um "deus" inventado
Em miseráveis esferas,
Troca pedaços de céu,
Por escrituras de terra...
Eu em meu verso sangrado
Busco mais sorte pros meus...
Mais um poeta sem voz,
Tentando falar de Deus!

O CORREDOR E AS JANELAS Autor: Matheus Costa

Declamador: Érico Padilha | Amadrinhador: Valdir Verona

Nesses caminhos tamanhos
que recortam as distâncias,
as porteiras das estâncias
são bocas pra' o corredor.
...Onde o vento faz fiador
ao andar de quem alcança
velhos rastros de esperança
deixados sob o rigor...

E, por diante, vão surgindo
como rimas de um poema
silhuetas – ainda pequenas –
que são ranchos com ramadas.
...Moradias encravadas
entre sombras companheiras
e vestidas pela poeira
que o casco ergue da estrada...

Cada ranchito, uma vida,
e uma fraterna intenção...
...com crioulo coração
pulsando sob a matéria.
Com feridas que a miséria
não cicatriza e nem cura,
mas com lume de alma pura
tal fosse a maior artéria!

E, nas frestas das janelas
- que são olhos disfarçados -

resistem quadros moldados
guardando genuínas cenas.
...Depois que as noites morenas
descerram as aberturas
se exibem diante as lonjuras
francas imagens serenas.

Na madeira retorcida
de uma ventana solita
viu-se a figura bendita
da “doninha” na soleira.
Cuidava faces lindeiras
dos tropeiros que cruzavam
e sempre lhe cobiçavam
como fosse a vez primeira!

Por uma frincha entreaberta
n’algum galpãozinho a frente,
está o caseiro – paciente –
calçando seu par de esporas.
...E quem o avista de fora
compreende o terrunho encanto
de quem vai sair ao campo
ao encontro d’outra aurora...

Conforme este corredor
conduz o andarengo além,
surgem depressa também
janelas de mais moradas.
Uma que resta fechada
com silêncio absoluto...
...A sua tranca é a dor do luto,

e a saudade está guardada!...

Batendo estrivos, solito
e ouvindo a rima da espora,
vai-se o campeiro, que escora
suas solidões no assovio.
De tantos ranchos a fio
que vislumbra neste rumo
parece perder o prumo
ao lembrar do seu, vazio.

Passando pelas taperas
- que são horas invertidas
aos ponteiros da guarida –
vê no vão das rachaduras
um tempo que só perdura
nas janelas do passado...
...e segredos extraviados
que agora, ninguém procura.

Seriam, essas janelas
que restam nos corredores
as poesias interiores
dos escritos de quem mora?
Ou, pelo lado de fora
desenham à imensidão
simples traços de rincão
feitos pela mão de outrora?

E nas largas aberturas
dos bolichos domingueiros
há semblantes de povoeiros

judiados d'algum verão.
...Deixam penas – por que não? –
no esquecimento preciso
que a prece branca de um liso
entrega junto ao balcão.

O corredor e as janelas
Comungam do mesmo rastro,
Do mesmo destino gasto
fadado para esses fundos.
São como breves segundos
que a idade coleciona
nas andanças temporonas
que tocam a um viramundo.

Já de “mourito” suado
pelo compasso do tranco,
nenhum lugar passa em branco
se as janelas mostram algo
que enche o presente vago
de quem leva na mirada
episódios das estradas
em memórias, ao seu pago.

Os postigos tem olhares
escancarados e atentos
embora apenas o vento
faça ronda às cercanias.
...E depois que a cor do dia
veste o negror do infinito
adormecem – acredito –
cansados dessa vigia!...

Nesses caminhos tamanhos
que recortam as distâncias,
as porteiras das estâncias
são bocas pra' o corredor.
E o vaqueano rumbeador
destorce léguas singelas,
percebendo que: janelas
existem por onde for!

RESSURREIÇÃO Autor: Joseti Gomes

Declamador: Jesus dos Santos | Amadrinhador: Marco Cavalheiro

Sessenta dias de exílio...
Afastei-me do meu pago,
dos meus versos e da lida...
Vesti-me... só de silêncios...
e deixei no abandono
uma presença antiga
que ficava sem adeus...
Fui solito, sem os meus,
abraçando o tal “escuro”
sem avisar do retorno...

Sessenta dias de ausência...
Muito tempo? Só um sono?
Meu corpo, um experimento
pra estudantes, doutores...
Meu corpo inerte no leito
de um hospital da cidade,
enquanto a alma, em retiro,
buscava encontrar o tino
ao me ver encurralado
num mundo tão imperfeito...

Eu tive tudo o que quis...
Tive o rancho enfeitado
por sorrisos de uma flor...
Tive uma mesa farta
que alimentava a loucura
e os descaminhos do corpo...
Tive amigos e noitadas

e tive, nas madrugadas,
carinhos de falsos olhos
num quadro de vil moldura...

Fui esbanjando meus dias
e descuidando de tudo...
Sequer pensei na cobrança
de ser chamado num upa
pra dar conta dos meus atos...
foi aí que, por certo,
caiu-me as rédeas por terra
sem perceber que quem erra
carimba a sua sentença
cobrada no tempo exato.

Nem tudo nasce traçado
conforme o destino reza...
Se o boi se embreta no mato
há que se entrar mato à dentro
pra resgatar o fujão...
Mas, se o cavalo refuga,
seja por cisma ou por teima
a espora rasga e queima
o couro desse teimoso
que entra cavando o chão...

Na vida, o índio que é taura
não espera o dia certo...
Qualquer momento é a hora
pra começar a peleia
na busca do que se quer...
Montei no lombo da vida

sem medo desses pealos
assim, na rinha, fui galo
embora o tombo era certo
caía sempre de pé...

Perdi a conta das marcas
dessas surras que levei...
Fechi porteiras por dentro
e me isolei nos galpões...
Poucos dos meus parceiros
me culatream de fato...
Nessas horas o gaúcho
vê quem aguenta o repuxo
e aparta quem é amigo
de quem não é companheiro.

Não vou contar o que vi
naquele mundo distante
que me acolheu por dois meses
e me mandou que voltasse...
Ainda não era a hora...
Existia um par de olhos
que eu precisava encontrar
pra depois me apaixonar
e dividir os meus dias
antes de ir-me embora...

Acordei daquele sono
e abracei com vontade
quem realmente me amava
e que, saudades sentiu...
Voltei pro campo e pras casas...

Voltei com sedes de lua...
Voltei pra xucra poesia
que comigo renascia
daquele leito tão triste...
Voltei com um par de asas...

Alcei os voos mais altos
levando, agora, comigo,
a certeza de outra chance
para escrever minha história...
Troquei a estrada comprida
pelos caminhos que levam
pras cacimbas e pros rios...
Eu vi o que ninguém viu...
Eu ressuscitei da morte
Voltei de novo pra vida!

DA ESPERANÇA AOS MALACARA Autor: Rafael Ferreira

Declamador: Chico Azambuja | Amadrinhador: Clênio Bibiano

É este costume antigo
De me fazer recordar,
Nas vivências do lugar,
As imagens, o galpão,
Pátio, poço e casarão;
O longe mostrando a estrada;
Um açude, a ramada
E os sonhos na imensidão.

Era o rincão da Esperança
Onde me vejo guri,
Onde gaúcho nasci,
Onde volto diariamente.
Como pensar diferente?
E as vezes nisso me espanto,
Se em cada verso que canto
Eu estou lá novamente.

Um telurismo vestindo
A rima nova do poema,
Outra lembrança serena
Da poeira leve subindo,
O som dos laços tinindo,
Depois da mira certa,
Nas pealações de mangueira,
Herança de tempos lindos.

E a tordilha tronqueira,
Com garras de campereada,

Nestas linhas vem pintada

Com a raça nobre dos pingos,
O sangue guardou respingos
Destes cavalos de guerra,
Que um dia voltam pra terra
Para enfeitar os domingos.

Tropeada e volta de estrada...
-La pucha- quanta alegria!
Muitos Capões, Vacaria,
Capão Grande o firmamento...
Ubiratan, Daltro e Bento,
Personagens verdadeiros,
Neste universo campeiro,
Filhos da serra, do vento.

Hoje restou desta Estância
Somente o nome - esperança -
E nos olhos de criança
O quadro vivo dum verso.
Frente a este mundo disperso
De outras crendices, manias,
Me vejo voltar com os dias
Cantando outro universo.

...Bem mais adiante, outros lados,
Já mais mocito, recorde,
O sentimento transbordo
E um verso novo me arranca,
Trago batendo na anca
Um laço antigo de rimas,

Cruzando o arroio do Lima,
Malacara e Casa Branca.

Por lá andei “nos Barcelo”
Fui peão de “muy” recorrida,
Lambi o gosto da vida
No sal de um campo nativo;
E assim de modo instintivo
Golpiei potro e juntei gado,
Me vi no arreio pregado
Ao me tornar primitivo.

Juntei lições nos caminhos,
Com serviçais e patrões.
Tive aula nos rincões
E a casa sob o chapéu,
Foi pouco esse mundaréu
“Das grotas” e do gado alçado,
Coxilhão, pedra e banhado
Tudo entre a terra e o céu.

A canha, o fumo com palha,
Carreira, gaita e bolicho,
O tempo nunca foi micho
Para trovar no balcão;
Lua cheia de clarão
Na volta de algum domingo,
Lembrar da prenda sorrindo
Laçando meu coração.

Do rincão dos Malacara,
Igual ao outro - Esperança-

Também mora na lembrança
Brota e rebrota em canção,

Infinita é a razão
De entonar com tenência,
Essa xucra procedência
De amor por este chão.

A cantilena me conta
-Dá de rédea e frouxa a boca-
A lembrança não é pouca
Ao cantar estes rincões,
Me vêm invernos, verões,
Aroma, gosto e silêncio,
Ao derramar sobre o lenço
O choro das gerações.

É brabo falar do tempo,
“As vez” nem dá pra pensar,
Mas caso alguém presenciar
Um timbre de estórias raras,
É meu verso metendo a cara,
Contando de outras verdades,
São rincões da minha saudade,
Da Esperança aos Malacara.

UM TEMPO QUE NÃO É MAIS Autor: Guilherme Collares

Declamador: Romeu Weber | Amadrinhador: Guilherme Collares

Sem saber que já não era
Foi sendo o que sempre foi...
Foi rangido de cancela,
Casco e peçunha de boi.
Foi a poeira da mangueira
E um grito largo de “Venha!”
Nas curvas de um corredor.

Maneco foi sol e geada
Que o pago reponta e canta...
Sem nem saber que o que era,
Faz tempo que se perdeu.
E de fato a sombra vive
Num mundo que não é mais...

E falam de um “tempo velho”
Como se fosse verdade,
Num hoje que é só saudade
E soja pelos trevais.

O Maneco era da estância...
Ali nasceu e viveu.

Sabia das invernadas
Nas cruces dos piqueteiros...
Sabia as voltas mais fundas
Dos banhos pelos arroios
E as arapucas diziam
Que a carne das saracuras

Se comia misturada
Com cinza, pra dar o gosto.

Sobrava sempre um fervido
De espinhaço de capão,
Pois o Maneco, mimoso,
Por filho da cozinheira,
Nunca passou pela fome.

Por filho do capataz
Aprendeu de toda a lida
Que se conhece e se sabe...
Volteava as chuvas de agosto
Tirando o gado das costas
E cuidava o carrapato
Que pintava na virilha
Nos começos do verão.

Sabia sacar um couro
E lonquear de contra a perna
E desquinar algum tento
Pros preparitos do uso.

Com o colégio ali perto
Aprendeu a letra escrita,
A somar e dividir
E que o mundo era bem grande,
Com países, continentes
E como as coisas funcionam.

Um dia como outro igual,
O pai quedou apertado

Correndo boi nas coxilhas,
No fatal de uma rodada.
O Maneco era mocito
E por isso respondeu
Por tudo que o pai cuidara
Até a morte do patrão.

Espólios e testamentos,
Todo o campo dividido,
Cada rodeio cortado
E muito arame no chão.
E medições, teodolitos,
Agrimensores e agrônomos...
E a peonada da estância
Sem entender a função.

Um dia, chegou de carro,
Sua madrinha, já velha...
Esposa do tão saudoso
E padrinho do Maneco.

Dizia que todo o campo
Seria agora plantado...
Que era a vontade dos filhos...
Que não queriam função
Com os gados e alambrados
E que ovelha já não dava,
Pouca carne, nada em lã.
E que a soja era mais fácil
De garantir o quinhão.

Então, a mãe do Maneco

Acompanhou a madrinha,
Seria sua companheira
De apartamento no povo.
E ganharam uma casa
Nos arrabaldes cercanos
Por conta em todos os anos
Da tal indenização.

Mas ninguém disse ao Maneco
O que fazer com a vila...
Ali não havia couros
Pra lonquear de contra a perna...
E não tinha carrapato
Pra ver pintar na virilha
Nos inícios do verão.

Ninguém mostrou pro Maneco
Se haviam curvas ou voltas
Pra cuidar naquelas costas,
Quando as enchentes subiam
Nas chuvaradas do agosto.

E Sem saber que não era
Foi sendo o que sempre foi...
Um lamento de silêncio
Que não grita um “Venha boi!”

É sombra que sobrevive
Num mundo que não é mais...
Gadarias extraviadas
Das perdidias invernadas
E a soja pelos trevais.